

A black and white photograph of a stone artifact, possibly a tool or a piece of pottery, with a textured surface and a pointed end. A vertical dashed purple line runs down the left side of the image.

**NA**

NÚCLEO  
DE INVESTIGAÇÃO  
ARQUEOLÓGICA

**ERA**  
ARQUEOLOGIA

**10**

# ***APONTAMENTOS***

*de Arqueologia e Património*

MAR 2015

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação**

**Arqueológica – NIA**

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Março de 2015**

Volume: **10**

Capa: Falange decorada proveniente do Sepulcro 2 dos Perdigões

(Foto: António Valera)

Director: **António Carlos Valera**

**ISSN: 2183-0924**

Contactos e envio de originais:

[antoniovalera@era-arqueologia.pt](mailto:antoniovalera@era-arqueologia.pt)

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.



## ÍNDICE

EDITORIAL ..... 05

António Carlos Valera  
 "ÍDOLOS" FALANGE, CERVÍDEOS E EQUÍDEOS.  
 DADOS E PROBLEMAS A PARTIR DOS PERDIGÕES ..... 07

Beatriz Bastos  
 POTENTIAL OF LIPID ANALYSIS ON PREHISTORIC  
 PORTUGUESE POTTERY ..... 21

António Carlos Valera, Rui Ramos e Patrícia Castanheira  
 OS RECINTOS DE FOSSOS DE COELHEIRA 2  
 (SANTA VITÓRIA, BEJA) ..... 33

António Carlos Valera  
 CIEMPOZUELOS BEAKER GEOMETRIC PATTERNS:  
 A GLIMPSE INTO THEIR MEANING ..... 47

Patrícia Castanheira  
 MISERICÓRDIA II (BERINGEL, BEJA):  
 ALGUMAS NOTAS PARA O ESTUDO DO BRONZE FINAL  
 NAS TERRAS DE BARROS ..... 53

José Carlos Quaresma, Alexandre Sarrazola, Inês M. da Silva  
 PRODUÇÃO DE VIDROS E IMPORTAÇÃO DE *TERRA*  
*SIGILATTA* EM FINAIS DO SÉCULO V / PRIMEIRA METADE  
 DO SÉCULO VI: O CASO DA MARINHA BAIXA, AVEIRO ..... 63

Alexandre Sarrazola, Mónica Ponce,  
 Teresa Freitas, Marta Macedo  
 A RAMPA DOS ESCALERES À REAL CORDOARIA,  
 BELÉM / JUNQUEIRA (SÉCULO XVIII) ..... 77

Ana Olaio, Pedro Angeja, Álvaro Pereira,  
 Gonçalo Sá-Nogueira, André Texugo  
 ACTIVIDADE ARQUEOLÓGICA E DIVULGAÇÃO DO  
 PATRIMÓNIO EM SANTARÉM ..... 83



## EDITORIAL

Chegamos, com a presente edição, ao número dez dos volumes publicados da *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Dez números em oito anos, com algum abrandamento e irregularidade nos últimos tempos relativamente aos primeiros. Nestes dez volumes publicaram-se 94 artigos, nos quais foram autores 80 colaboradores, que em vários casos aqui realizaram as suas primeiras publicações.

O projecto inicial, conforme se declarava no editorial do número um da revista, visava a “publicação de pequenos textos informativos ou problematizantes cuja divulgação por outros meios não se justifica por si só ou poderá ser demorada.” Pretendia-se “contribuir para a rápida difusão, referenciável e citável, de informações, ideias, pequenos estudos ou análises, cuja disponibilização mais imediata seja importante para o desenrolar da investigação e da actividade arqueológica colectiva”, respondendo desta forma às crescentes dificuldades financeiras que se colocavam às edições em papel e à proliferação da actividade arqueológica no âmbito da Arqueologia de Salvamento.

A intenção inicial, porém, viria a ser progressivamente alterada pela realidade. A tradicional tendência para publicar pouco, que sempre caracterizou a Arqueologia portuguesa nos seus mais variados âmbitos, tem mais a ver com uma postura que com qualquer ausência de meios.

Como resultado, a revista acabou por enveredar pela publicação de alguns textos de maior fôlego (que fogem a um *Apontamento*) a par de outros que melhor respondiam às intenções originais e o seu ritmo de publicação adaptou-se à produtividade daqueles que se disponibilizaram a colaborar.

O resultado, contudo, tem sido positivo, e a julgar pelas citações que, no país e no estrangeiro, os textos da *Apontamentos* têm merecido, a iniciativa ganhou já o seu espaço no panorama editorial da Arqueologia portuguesa.

Justifica-se, pois, o esforço e, como desde o início, a revista continuará aberta a todos os que com ela queiram colaborar

*António Carlos Valera*

# PRODUÇÃO DE VIDROS E IMPORTAÇÃO DE *TERRA SIGILATA* EM FINAIS DO SÉCULO V / PRIMEIRA METADE DO SÉCULO VI: O CASO DA MARINHA BAIXA, AVEIRO

José Carlos Quaresma<sup>1</sup>

Alexandre Sarrazola<sup>2</sup>

Inês Mendes da Silva<sup>3</sup>

## Resumo:

No presente artigo estuda-se uma colecção do sítio da Marinha Baixa, Aveiro, com 76 fragmentos de vidro, correspondentes a 64 indivíduos, e 3 fragmentos de terra sigillata africana D e foceense tardia, correspondentes a 3 indivíduos. Proveniente de uma estratigrafia associada a um sítio com possíveis funções produtivas para a primeira tipologia, este conjunto apresenta uma notável homogeneidade tipológica e tecnológica, à qual se associa um pequeno conjunto de cerâmicas finas de importação que invoca uma datação em torno de finais do século V e primeira metade do século VI, o que lhe confere uma especial importância, tendo em conta a raridade de materiais arqueológicos em contexto para este período no território português.

## Abstract:

**Glass production and terra sigillata imports during the late 5th century and the first half of the 6th century at Marinha Baixa, Aveiro.**

In this paper it is discussed a collection from Marinha Baixa, Aveiro, with 76 fragments of glass (= 64 individuals) and 3 fragments of African D and Late Phocian terra sigillata (= 3 individuals). It is associated to a stratigraphy from an archaeological site related to a possible glass production. This assemblage presents a remarkable homogeneity both in terms of typology and technology and a small assemblage of imported fine ware, which points to a chronology around the end of the 5th century or the first half of the 6th century. This aspect provides a special importance to the assemblage, taking into account the rarity of stratigraphic data for this period within the Portuguese territory.

## 0. Introdução

O sítio da Marinha Baixa, Aveiro é já conhecido do público científico pelo menos desde os anos 60 do século XX, quando um primeiro conjunto de vidros em quantidade apreciável e cronologia tardo-romana foi dado à estampa (Alarcão; Alarcão, 1963. Ver fig. 2) e objecto de intervenção arqueológica pela empresa Era, Arqueologia, na década de 90 do mesmo século, tendo sido alvo de estudos sobre a sua funcionalidade, com possível área oficial de produção de vidros, cujo espólio teve igualmente um apresentação de poster em congresso internacional realizado em 2006 (Sarrazola, 2002, 2003; Sarrazola; Mendes da Silva, 2006, Sarrazola; Mendes de Silva; Borges Coelho; Melro, 2001; Sarrazola; Mendes da Silva; Quaresma, 2006).

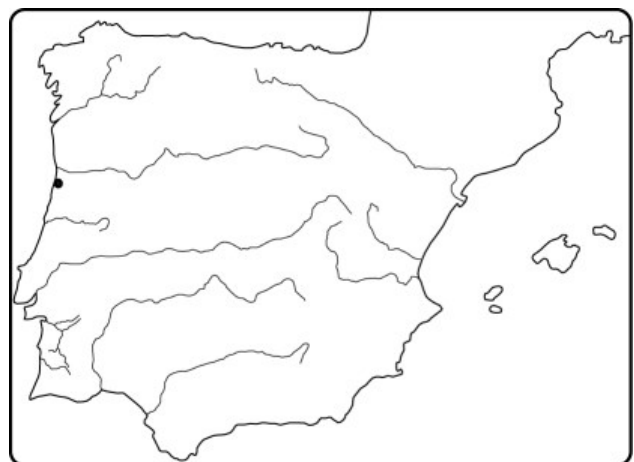


Figura 1 – Localização aproximada da Marinha Baixa na Península Ibérica.

<sup>1</sup> Bolseiro de Pós-Doutoramento (FCT) – CIDEHUS (Un. Évora) / Uniarq (Un. Lisboa) [josecarlosquaresma@gmail.com](mailto:josecarlosquaresma@gmail.com);

<sup>2</sup>Era Arqueologia, [alexandresarrazola@era-arqueologia.pt](mailto:alexandresarrazola@era-arqueologia.pt);

<sup>3</sup>Era Arqueologia, [inesamelia@era-arqueologia.pt](mailto:inesamelia@era-arqueologia.pt)

Como dito, a importância deste sítio e respectivo espólio vítreo já havia sido notada por Jorge e Adília Alarcão (1963), que apresentaram um primeiro estudo com os 19 exemplares de vidros das escavações de Alberto Souto. No presente trabalho, decorrente das escavações e acompanhamentos de obra da Era, Arqueologia, foram estudados 70 exemplares classificáveis vítreos e 3 de terra sigillata. Dos 70 exemplares em vidro, 43 não possuem UE de origem e os restantes 27 distribuem-se por quase tantas outras UEs, das quais se destaca apenas a UE 6006, com 4 exemplares. Por esta razão, não nos pareceu útil um estudo analítico da dispersão estratigráfica do espólio.

O espólio da Marinha Baixa resultante desta última intervenção revelou pouca informação sobre terra sigillata, mas, pelo contrário, uma riqueza significativa em vidros, cujas cronologia, tipologia e tecnologia homogêneas lhe conferem um significado especial no âmbito destas produções em época tardo-romana. A referida cerâmica fina de mesas tem no entanto uma elevada coerência cronológica que permite situar o conjunto entre finais do século V e o primeiro ou o segundo quartel do século VI.

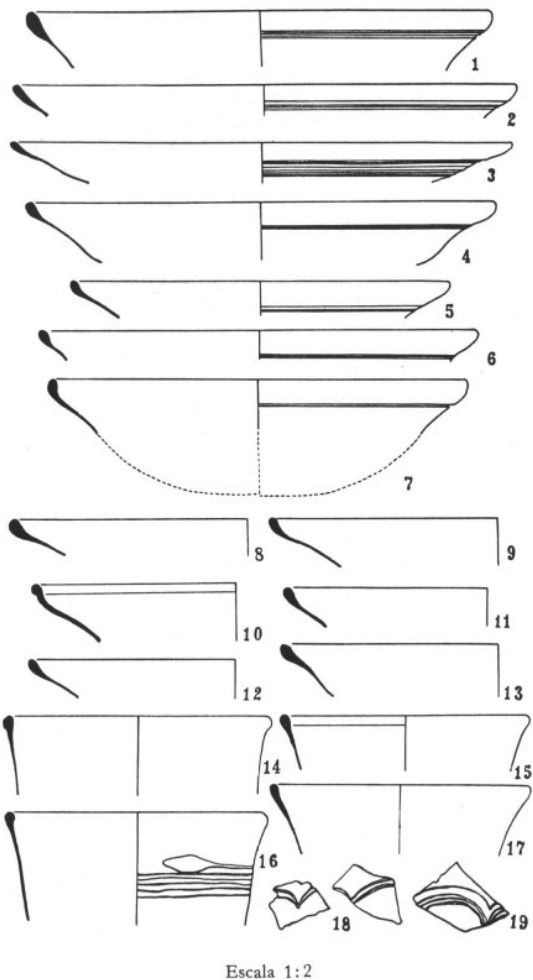


Figura 2 - Vidros da Marinha Baixa publicados em 1963 (Alarcão; Alarcão, 1963, est. III).

## 1. Formas vítreas

### *Taça campanulada funda*

O pequeno grupo presente na Marinha Baixa (a acrescentem os 4 exemplares de Alarcão; Alarcão, 1963) não deixa de levantar alguns problemas, pela relativa variedade de perfis. Grosso modo, esta forma impõe-se no século III e torna-se dominante na centúria seguinte, em detrimento do vaso de perfil mais cilíndrico. Ausente na parte oriental do Império, foi bem conhecido na sua parte ocidental, em particular na Gália (Sanchez de Prado, 1984, p.88) e na Germânia, embora estes vasos sejam mais altos, estreitos e ovóides (Rütti, 1991: 72-6; Berger, 1960, n.ºs 104-5), em comparação com os perfis mais cônicos e acampanados da área mediterrânea e lusitana (Xusto Rodríguez, 2001: 349).

Sucedem assim às formas mais cilíndricas, assimiláveis aos tipos Isings 12 e 85, dos primeiros séculos do Império, assumindo, em época tardo-romana, formas mais altas (vasos) ou mais baixas (taça) e apresentam sempre altura superior ao diâmetro. Segundo Xusto Rodríguez (2001: 350), podiam assumir três formas principais, no Noroeste peninsular:

- altas com bordo incurvado, esvasado e de aresta viva (=Isings 116);
- de paredes rectas ou quase, e bordo acabado ao fogo;
- de perfil sinuoso e bordo notavelmente esvasado e acabado ao fogo.

Mais recentemente, M. Cruz (2009: 159) definiu as taças campanuladas de bordo espessado ao fogo como altas (diâmetros de bordo de 50-90 mm), fundas (90-110 mm), amplas (110-140 mm) e baixas (140-160 mm) e atribuiu-lhes uma cronologia a partir da segunda metade do século IV até ao século VII, sendo essencialmente sucedâneas da Isings 116 pura, com bordo em aresta viva.

Esta situação explica as diferenças encontradas na Marinha Baixa, onde os n.ºs 1-3 possuem paredes rectas e diâmetros menores, próximos do tipo Isings 106 (Isings, 1957: 126); mas os n.ºs 4-6, com diâmetros maiores, parecem ter paredes mais encurvadas e bordos claramente esvasados. O seu perfil parece contudo consentâneo com a adscrição ao sub-tipo "fundo" de M. Cruz (2009). Todos os exemplares da Marinha Baixa, de diâmetros entre 10,5 e 15 cm, são enquadráveis na variante maior, com diâmetros acima de 10,5cm, definida por Xusto Rodríguez (2001: 355). A forma enquadrável na Isings 106 era já conhecida neste sítio (Alarcão; Alarcão, 1963, n.ºs 14-17; ver fig. 1) e encontra-se muito bem representada na área orense do Noroeste peninsular, bem como na necrópole de La Olmeda, na Meseta.

### *Taça campanulada baixa*

Este é o maior grupo tipológico presente na Marinha Baixa, com 54 exemplares. A publicação anterior sobre este sítio havia já dado à estampa outros 13 exemplares (Alarcão;

Alarcão, 1963, n.ºs 1-13; ver fig. 1). É um grupo constituído por taças mais ou menos em forma de calote, com paredes mais ou menos rectas e fundo geralmente onfalado, que, na Marinha Baixa, possui sempre bordo engrossado e polido ao fogo. A medição dos diâmetros de bordo e a análise do esvasamento, permitiram estabelecer três sub-grupos:

- de perfil mais troncocónico, com diâmetros entre 12 e 16,4cm (19 exemplares; n.ºs 7-25) (M. Cruz – 2009: 159 – considera os diâmetros entre 11 e 14 cm como taça campanulada ampla);

- de perfil intermédio, com diâmetros entre 13,9 e 17,2 cm (16 exemplares; n.ºs 26-41);

- de perfil acentuadamente esvasado, com diâmetros entre 17 e 19,9 cm (7 exemplares; n.ºs 42-48).

Em 1965, no estudo sobre os materiais das antigas escavações de Conimbriga, Jorge e Adília Alarcão estabeleceram dois sub-grupos para estas taças:

- taças decoradas com linhas horizontais gravadas, variante A: copa de paredes rectas, que não seriam afins à Isings 116 (século IV e inícios do V), mas estariam antes relacionadas com as taças e decoradas com fios de vidro branco, ou linhas gravadas, datadas da segunda metade do século V e primeira do VI (Alarcão; Alarcão, 1965, n.ºs 171-5);

- taças de copa arqueada, lisas (Alarcão; Alarcão, 1965, n.ºs 205-11).

Em 1976, acerca dos materiais das escavações conduzidas no mesmo sítio de Conimbriga, Jorge Alarcão et Al. desenvolvem a descrição tipológica, em face do enorme número de exemplares surgidos nessas campanhas (272 exemplares), definindo-as como taças baixas e muito esvasadas, com bordo espessado ao fogo e, mais raramente, com bordo de arestas levemente polidas ao fogo. Os diâmetros variam entre 12 e 21 cm, sendo os valores mais frequentes entre 14 e 16 cm. As diferenças constatadas na inclinação e andamento da parede levam os autores a definir quatro sub-grupos:

- taças de perfil troncocónico, bordo esvasado e parede ligeiramente côncava; fundo onfalado sempre mais espesso a meio. Paredes geralmente lisas, mas podendo ter fios de vidro branco ou linhas gravadas ao torno. Datam-se dos séculos IV/V;

- perfil semelhante, mas parede mais recta, embora possa ser ondulada; na Marinha Baixa surgem 3 exemplares (n.ºs 41, 56 e 57) e em S. Cucufate conhece-se um outro exemplar algo semelhante (Nolen, 1988, n.º 120);

- taças gravadas de tipo Wint Hill (o exemplar de Conimbriga é liso e de bordo em aresta, esvasado, de perfil em S, próximo do perfil da Isings 116);

- taças menos profundas.

Segundo os autores, não parece haver qualquer relação tipológica ou cronológica entre tipos e decorações (Alarcão et Al., 1976: 193-4).

Em 1984, no estudo sobre os materiais de Lucentum, Sanchez de Prado (1984: 93), assimila esta forma de taças pouco profundas à Isings 116<sup>1</sup>, datando-a dos séculos IV-V. Tal como no estudo sobre Conimbriga, enuncia vasos lisos e decorados com linhas gravadas ou fios brancos fundidos, negando qualquer diferenciação cronológica. Apresenta 4 sub-grupos:

- lisos (refere muitos exemplares incolores ou verde-oliva, e patines negras);

- decorados com linhas incisivas (refere igualmente muitos exemplares);

- decorados com fios brancos fundidos;

- com decoração soprada (Sanchez de Prado, 1984, fig.9, 8-9). Os nossos n.ºs 53 e 54 apresentam decoração idêntica; um outro exemplar é conhecido em Conimbriga (Alarcão; Alarcão, 1965, n.º 170, em vidro transparente cinzento Caran d'Ache).

Xusto Rodriguez (2001, p. 361) define dois sub-grupos relacionáveis com o espólio de Marinha Baixa, tendo a maior parte dos diâmetros valores ligeiramente superiores a 15 cm.:

- bordo em aresta viva e perfil em S, esvasado (=Isings 116);

- perfil de calote esférica e bordo engrossado ao fogo, podendo assumir uma forma pequena (taça) ou grande (prato), com diâmetros acima de 15 cm. (Xusto Rodriguez, 2001: 361).

Como já referido supra, é consensual que o bordo espessado tem uma cronologia algo posterior ao bordo em aresta: segundo Isings (1957) e Nolen (1994: 178), o bordo em aresta é comum no século IV, enquanto que o espessamento ao fogo começará na segunda metade dessa centúria (Nolen, 1994: 178), sendo característico na segunda metade do século IV e século V, em níveis estratigráficos de São Cucufate ou Conimbriga (apud Xusto Rodriguez, 2001: 361).

Surgem essencialmente em contextos dos séculos IV e V, embora haja dados mais recentes, como é o caso da necrópole de Aldaieta (Alaves), datada de meados/finais do século VI a inícios do VIII. Os níveis atribuídos exclusivamente aos séculos IV e V, situam-se no depósito de Santomé, a Norte; ou, a Sul, em Alconetar, onde vários exemplares surgem em conjunto com terra sigillata hispânica tardia dos séculos IV-V (Xusto Rodriguez, 2001: 361).

---

<sup>1</sup> O facto do texto referir Isings 11 não deve passar de um lapso.

No espólio de Marinha Baixa, vários exemplares de fundo deverão pertencer a esta forma, tendo já sido feita referência aos n.ºs 53 e 54, pela sua decoração soprada. Os n.ºs 49-52, também onfalados, e de parede mais espessa a meio, pertencerão a diversas variantes, de maior ou menor diâmetro. O bojo n.º 55 possui decoração soprada, formando facetas fitomórficas, para as quais não encontramos paralelos na bibliografia consultada.

#### *Frascos tipo AR 146.3 (Isings 133) e Isings 104b*

Não é fácil classificar os n.ºs 61-64, pela exiguidade dos fragmentos. O primeiro é claramente o bordo de um frasco e os restantes dois, gargalos. A classificação proposta baseia-se nos materiais apresentados por Rütli (1991: 123), considerados frascos de fundo muito onfalado, equiparáveis às formas Trier 79b e Isings 133. É igualmente possível que o n.º 64 seja o corpo bojudo de um exemplar da mesma forma, embora a secção ondulante da parede do exemplar da Marinha Baixa seja um aspecto singular.

Os dados de Augst e Kaiseraugst apontam para uma cronologia de finais do século III/inícios do IV, que é minimamente compatível com o espólio da Marinha Baixa. Os n.ºs 62 e 63 apresentam decoração por fios horizontais de vidro branco aplicados (mas sem se fundirem com a parede), formando finas molduras na superfície externa, que também não encontram paralelos exactos na bibliografia consultada, mormente os exemplares germânicos apresentarem decoração com linhas espiraladas no gargalo (Rütli, 1991, n.ºs 2444-47). Este mesmo tipo de decoração também surge em jarros tipo Isings 121 da necrópole de Montañar (Jávea), no século IV (Sanchez de Prado, 1984: 98).

Os n.ºs 65-67 deverão classificar-se na forma Isings 104b, também ela um frasco, que surge no século III, e apresenta cronologias centradas nos séculos IV e V. O fundo destas peças é onfalado e o corpo geralmente globular, embora alguns exemplares mais tardios possam ter perfil acampanado ou corpo quase quadrangular. O n.º 67 é um fragmento de bojo com a esquina que denuncia esta morfologia tardia da Ising 104b (Isings, 1957: 122-23).

Os exemplares mais comuns são feitos em vidro verde e existem vasos com superfícies decoradas por pintura ou incisão ao torno: os três exemplares da Marinha Baixa possuem uma canelura soprada que não cerca a totalidade do frasco, a ver pelo n.º 65. É possível que o n.º 68, com fio de vidro aplicado sobre a superfície, também pertença a este tipo. Outros exemplares podem ter fio de vidro aplicado à volta do gargalo (Isings, 1957: 122-23), o que tornaria também plausível a classificação dos n.ºs 62 e 63 neste tipo (Isings, 1957: 122-23).

A homogeneidade cronológica do conjunto da Marinha Baixa, cuja cerâmica fina aponta para fins do século V e primeira metade do século VI, indicia uma continuidade destes dois tipos até pelo menos ao final do século V. As cores diagnosticadas nos dois tipos também revelam que o segundo (4 exemplares de verde-oliva) tende a ser mais

tardio que o primeiro (1 exemplar de verde-oliva contra 3 de verde claro) (fig. 3).

#### *Copo com pé alto*

O n.º 69 é um fragmento de fundo classificável na Isings 111, produzida nos séculos IV a VII (Isings, 1957, p.139-40). Surge um exemplar em Santarém (Antunes, 2000, n.º 25) e vários em Lucentum. Embora o exemplar de Santarém e os apresentados por Isings possuam pé-de-anel oco, em Lucentum são todos de pé-de-anel compacto. Sanchez de Prado (1984: 93) confirma as cronologias propostas por Isings, mas refere a existência de centros produtores em Alexandria e Colónia, o que torna este tipo não exclusivo da área mediterrânea, como defendera Isings (1957: 139).

## **2. Formas de Terra Sigillata**

#### *Terra Sigillata africana D1 e D2*

O n.º 71 é um fragmento de bordo de Hayes 91C, fabricada em terra sigillata africana D1 (mas de fabrico muito fino). A forma Hayes 91A foi produzida entre meados ou finais do IV (Atlante: 82) e pode atingir o primeiro terço do século VI (Mackensen, 1993).

O n.º 72 é uma peça quase completa de Hayes 97, produzida em D2, datável entre finais do século V e meados do VI (Atlante: 78 e 97).

#### *Terra Sigillata foceense tardia*

O n.º 73, fragmento de bordo com decoração roletada, aproxima-se da variante E da forma Hayes 3, com um fundo mais saliente, e datará entre finais do século V e meados do VI (Cau; Reynolds; Bonifay, 2011: 6; Reynolds, 2004: 228).

## **3. Uma visão de conjunto**

O conjunto de terra sigillata demonstra um centro de consumo com recepção de produtos africanos de mesa, onde a terra sigillata africana D1+D2 parece dominar em face da produção foceense tardia e as formas presentes indiciam um conjunto de importações que poderá começar nos finais do século V (Hayes 3E foceense), ou nos inícios do século VI, cronologia inicial das formas africanas. Porém, o conjunto, ante a inexistência de outros indicadores cronoestratigráficos, permite equacionar uma extensão temporal do conjunto da Marinha Baixa até ao segundo quartel do século VI.

A primeira grande referência deste conjunto vítreo da Marinha Baixa é a sua homogeneidade, tanto a nível de fabrico como tipológico e cronológico. A monotonia cromática, reforçada pela forte presença dos tons verdes e em particular de verde oliva são um excelente indicador do carácter tardo-antigo do espólio, quando estas cores se tornam dominantes (Rütli, 1991: 111 e 116). As formas descritas enquadram-se perfeitamente no ambiente tardio, a partir da segunda metade do século IV - já que não existem bordos em aresta viva, recorrendo-se sempre ao engrossamento e/ou polimento ao fogo.



Classe	Forma	Frag.	NMI	NMI Prod.	% NMI Prod.
<i>Terra sigillata</i> africana D1	Hayes 91C	1	1	1	33,3
<i>Terra sigillata</i> africana D2	Hayes 97	1	1	1	33,3
<i>Terra sigillata</i> foceense tardia	Hayes 3E	1	1	1	33,3
<b>Total</b>		<b>3</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>100</b>

Figura 3 - Quadro estatístico da terra sigillata presente na Marinha Baixa.

A taça campanulada baixa, na tipologia proposta por M. Cruz (2009) para o centro produtor de Bracara Augusta, com paredes mais ou menos rectas e mais ou menos esvasadas, domina esmagadoramente o quadro tipológico da Marinha Baixa e deixa antever a importância desta forma entre c.490 e 425/550 d.C., quando aparenta ser dominante, aceitando o enquadramento cronológico proposto para o sítio.

Não deixa de ser curioso ver a adopção desta morfologia vítrea, numa época em que algo semelhante se passa com outros artefactos como a terra sigillata africana, que, por razões de facilidade de comercialização, mas também por possíveis novos hábitos comensais, relacionados com o avanço do cristianismo, adquire uma forte tendência para a apresentação de pratos ou formas muito abertas (Hawthorne, 1997). Este fenómeno não é tão forte no comércio de vidros, apresentando um registo menos acentuado e talvez mais diverso. Na villa de Toralla (Pontevedra), com um espólio vítreo de mais de 100 peças, a variedade é maior e apenas um exemplar corresponde à taça em calote de bordo espessado, enquanto que outros exemplares são de bordo em S e bordo de aresta viva (=Isings 116); mas o mais importante deste conjunto é o de fazer um certo contraponto à Marinha Baixa, na mesma área geográfica, apresentando uma importância bem maior de vasos troncocónicos em face das taças em calote. Este conjunto foi datado dos séculos IV/V e os autores do estudo levantam a hipótese de a villa de Toralla ter sido um centro produtor local (Vasquez Marínez; Caamaño Gesto, 2004, p.89). Centro produtor ou consumidor, denota a variabilidade dos espólios e um mosaico de gostos subjacente.

Outro atributo recorrente nas peças desta época, em particular nas taças campanuladas, são os fios de vidro da mesma cor da peça, ou fios de cor branca, fundidos ou semi-fundidos com a parede que decoram. Na Marinha Baixa, praticamente metade do espólio de copos e taças apresenta esta decoração originária da Síria, em finais do século II e generalizada na parte ocidental do Império de finais do século IV, prolongando-se até, pelo menos, ao século VI (Sanchez de Prado, 1984, p.93).

O Ocidente formula um gosto próprio para os vasos em vidro, a partir do século III, marcando-se pela produção de copos de pé alto, vasos troncocónicos, taças em calote (Sanchez de Prado, 1984, p.93), enfim, formas presentes na Marinha Baixa. Possível centro produtor de vidros tardo-romano, este sítio do Noroeste peninsular possui um excelente paralelo na mesma área: Bracara Augusta, capital da gallaecia, produziu em grandes quantidades as diversas morfologias de taça campanulada com bordo espessado ao fogo (Cruz, 2009, p. 160). Também na área oposta peninsular, o Sudeste, em Lucentum (Alicante), terá existido um outro centro produtor de vidros, a ver pela quantidade de material sem estratigrafia aí conhecido e pelos resíduos indicadores de actividade ofinal. O espólio tardo-romano deste sítio é também marcado pela forte presença de taça campanulada, lisa ou decorada, bem como por semelhantes técnicas decorativas. Tendo o seu início ainda no Alto-Império, apresenta, contudo, algumas diferenças na qualidade dos produtos tardo-antigos: enquanto na Marinha Baixa, os vidros indicam uma excelente qualidade de fabrico, com pouca bolhas de ar, sem patines e até com escassa irisação, os materiais de Lucentum decrescem de qualidade a partir do século III, surgindo muitos exemplares com estrias e bolhas de ar no interior e superfícies muitas vezes com patina negra. Contudo, também aqui, o conjunto denota uma grande homogeneidade de qualidade, tipologia e cronologia. Marinha Baixa, Bracara Augusta ou Lucentum são três exemplos de um fenómeno progressivo de desenvolvimento de oficinas de vidros, com um gosto próprio, no Ocidente tardo-antigo (Sanchez de Prado, 1984, p. 99).

Escrito em 2006; revisto em 2014.

Tipo	Frag.	NMI	Frag. (Alarcão; Alarcão, 1963)	NMI (Alarcão; Alarcão, 1963)	NMI total	Incolor	Blaugrün 310	Blaugrün 563	Grasgrün 356	Saffgrün 378	Hellgrün 390	Saffgrün 577	Gelboliv 125	Olivgrün 582	Braun 153
Taça campanulada funda	6	6	4	4	10	1						1	1	1	2
Taça campanulada baixa	60	48	13	13	61	1	1	1	1	1	1	17	7	22	3
Frasco AR 146.3 (=Isings 133)	4	4			4							3		1	
Frasco Isings 104b	4	4			4									4	
Copo de pé alto (=Isings 111)	1	1			1				1						
Indeterminável	1	1	3		1									1	
<b>Total</b>	<b>76</b>	<b>64</b>	<b>20</b>	<b>17</b>	<b>81</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>21</b>	<b>8</b>	<b>29</b>	<b>5</b>

Figura 4 - Quadro estatístico das formas vítreas e cores presentes na Marinha Baixa (a quantificação de cores não inclui o espólio estudado em Alarcão; Alarcão, 1963)..

#### 4. Catálogo

EP=espessura da parede; DB=diâmetro de bordo;  
DF=diâmetro de fundo; DBJ=diâmetro de bojo; H=altura.

As cores atribuídas aos vidros seguiram a escala cromática de Beat Rütli (1991), enquanto as cores atribuídas à terra sigillata seguiram a tabela de cores de solos A. Cailleux.

As estampas têm desenho de Carlos Lemos e digitalização dos signatários.

##### Vidros

###### *Taça campanulada funda*

1 - MB[6006]0 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Superfície externa com linhas de vidro branco opaco aplicadas a quente e semi-fundidas com a parede. Fragmento de bordo. EP:0,7-1,1mm. DB:11cm.. Pantone 582 (olivgrün), transparente

2 - MB[5043]66 – Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Raras bolhas de ar pequeníssimas e redondas. Fragmento de bordo espessado. EP:1mm..DB:10,5cm.. Pantone 310 (blaugrün), transparente.

3 - MB[-]50 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Raras bolhas de ar pequeníssimas e redondas. Fragmento de bordo. EP:1,1mm. DB:14cm.. Pantone 153 (braun), transparente.

4 - MB[-]55 - Vidro soprado, com bordo polido ao fogo. Superfícies caneladas junto ao bordo. Bolhas de ar alongadas. Fragmento de bordo. EP:0,9mm. DB:14,1cm.. Pantone 577 (saftgrün), transparente.

5 - MB [4040]101 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Raras bolhas de ar pequeníssimas e redondas. Fragmento de bordo. EP:0,7mm. DB:15cm.. Pantone 153 (braun), transparente.

6 - MB[-]16 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Superfície externa com linhas de vidro da mesma cor aplicadas a quente e semi-fundidas com a parede, abaixo do bordo. Fragmento de bordo. EP:1mm. DB:14,9cm.. Pantone 125 (gelboliv), transparente.

###### *Taça campanulada baixa*

7 - MB[-]33 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Superfície externa com linhas de vidro da mesma cor aplicadas a quente e semi-fundidas com a parede. Fragmento de bordo. EP:0,5-1,5mm. DB:15,9cm.. Pantone 577 (saftgrün), transparente.

8 - MB[-]43 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Superfície externa com linhas de vidro da mesma cor aplicadas a quente e semi-fundidas com a parede. Fragmento de bordo. EP:0,6-1mm. DB:14cm.. Pantone 577 (saftgrün), transparente.

9 - MB[-]45 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Parede com linha de vidro da mesma cor aplicada a quente e semi-fundida com a parede abaixo do bordo.

Algumas bolhas de ar alongadas. Fragmento de bordo. EP:0,9mm. DB:12cm.. Pantone 125 (gelboliv), transparente.

10 - MB[-]44 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Superfície externa com linhas de vidro da mesma cor aplicadas a quente e semi-fundidas com a parede, abaixo do bordo. Raras bolhas de ar, muito pequenas e redondas, junto ao bordo. Fragmento de bordo. EP:0,5-1mm. DB:14 cm.. Pantone 582 (olivgrün), transparente

11 - MB[-]41 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Superfície externa com linha de vidro da mesma cor aplicada a quente e semi-fundida com a parede, abaixo do bordo. Algumas bolhas de ar muito alongadas. Fragmento de bordo. EP:1mm. DB:15cm.. Pantone 125 (gelboliv), transparente.

12 - MB[-]42 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Superfície externa com linha de vidro da mesma cor aplicada a quente e semi-fundida com a parede. Algumas bolhas de ar longas no bordo. Fragmento de bordo. EP:1mm. DB:14cm.. Pantone 577 (saftgrün), transparente.

13 - MB[-]9+10 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Superfície externa com linhas de vidro da mesma cor aplicadas a quente e semi-fundidas com a parede, abaixo do bordo. Fragmento de bordo. EP:1mm. DB:14cm.. Pantone 582 (olivgrün), transparente

14 - MB[-]11 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Superfície externa com linhas de vidro branco opaco aplicadas a quente e semi-fundidas com a parede, abaixo do bordo. Fragmento de bordo. EP:1mm. DB:14cm.. Pantone 582 (olivgrün), transparente

15 - MB[48]20 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Superfície externa com linhas de vidro da mesma cor aplicadas a quente e semi-fundidas com a parede, abaixo do bordo. Bolhas de ar, pequenas e alongadas, junto ao bordo, dispostas em fiada. Fragmento de bordo. EP:0,7mm. DB:13,9cm.. Pantone 582 (olivgrün), transparente

16 - MB[120]141 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Superfície externa com linhas de vidro da mesma cor aplicadas a quente e semi-fundidas com a parede, abaixo do bordo. Algumas bolhas de ar longas. Fragmento de bordo. EP:1mm. DB:13,8cm.. Pantone 153 (braun), transparente.

17 - MB[81]26+[57]32 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Superfície externa com linhas de vidro da mesma cor aplicadas a quente e semi-fundidas com a parede, abaixo do bordo. Fragmento de bordo. EP:0,7mm. DB:12cm.. Pantone 577 (saftgrün), transparente.

18 - MB[33]139+[128]150 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Superfície externa com linhas de vidro da mesma cor aplicadas a quente e semi-fundidas com a parede, abaixo do bordo. Algumas bolhas de ar longas. Fragmento de bordo. EP:1mm. DB:13,4cm..

19 - MB[162]164 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Bolhas de ar, pequenas e alongadas, junto

ao bordo, dispostas em fiada. Fragmento de bordo. EP:0,9-1,1mm. DB:13,9cm.. Pantone 582 (olivgrün), transparente

20 - MB[104]66+[66]55 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Fragmento de bordo. EP:0,8mm. DB:15,1cm.. Pantone 577 (saftgrün), transparente.

21 - MB[104]64+[66]60 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Raras bolhas de ar longas. Um pouco irisado. Fragmento de bordo. EP:0,8mm. DB:15,5cm.. Pantone 577 (saftgrün), transparente.

22 - MB[125]140 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Raras bolha de ar redondas, pequeníssimas. Fragmento de bordo. EP:1mm. DB:16,4cm.. Pantone 577 (saftgrün), transparente.

23 - MB[50]25 – Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Muitas bolhas de ar muito pequenas e longas. Fragmento de bordo espessado. EP:1mm..DB:12,8cm.. Pantone 563 (blaugrün), transparente.

24 - MB[-]161 - Vidro soprado, com bordo ligeiramente espessado e polido ao fogo. Bastantes bolhas de ar alongadas. Fragmento de bordo. EP:1mm. DB:ind.. Pantone 577 (saftgrün), transparente.

25 - MB[-]48 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Superfície externa com linhas de vidro branco opaco aplicadas a quente e semi-fundidas com a parede, possivelmente helicoidais e terminando com uma gota mais espessa, abaixo do bordo Raras bolhas de ar pequeníssimas e redondas. Fragmento de bordo. EP:1,1mm. DB:ind.. Pantone 153 (braun), transparente.

26 - MB[155]163 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Superfície externa com linhas de vidro da mesma cor aplicadas a quente e semi-fundidas com a parede, abaixo do bordo. Fragmento de bordo. EP:1mm. DB:17,2cm.. Pantone 582 (olivgrün), transparente

27 - MB[-]27 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Superfície externa com linhas de vidro da mesma cor aplicadas a quente e semi-fundidas com a parede. Algumas bolhas de ar muito longas. Fragmento de bordo. EP:1-1,4mm. DB:14,9cm.. Pantone 577 (saftgrün), transparente.

28 - MB[-]51 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Superfície externa com linhas de vidro da mesma cor aplicadas a quente e semi-fundidas com a parede abaixo do bordo. Raras bolhas de ar pequeníssimas, redondas. Fragmento de bordo. EP:1mm. DB:17,1cm.. Pantone 582 (olivgrün), transparente

29 - MB[-]18 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Parede com linha de vidro da mesma cor aplicada a quente e semi-fundida com a parede abaixo do bordo. Fragmento de bordo. EP:1mm. DB:15cm.. Pantone 125 (gelboliv), transparente.

30 - MB[-]19 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Superfície externa com linha de vidro da mesma cor aplicada a quente e semi-fundida com a parede. Fragmento

de bordo. EP:1,1mm. DB:14cm.. Pantone 577 (saftgrün), transparente.

31 - MB[-]30 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Superfície externa com linhas de vidro da mesma cor aplicadas a quente e semi-fundidas com a parede, abaixo do bordo. Raras bolhas de ar, muito pequenas e alongadas, junto ao bordo. Fragmento de bordo. EP:1mm. DB:16,1cm.. Pantone 582 (olivgrün), transparente

32 - MB[-]31 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Superfície externa com linhas de vidro da mesma cor aplicadas a quente e semi-fundidas com a parede, abaixo do bordo. Fragmento de bordo. EP:0,6-1,1mm. DB:16,1cm.. Pantone 582 (olivgrün), transparente

33 - MB[-]32 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Superfície externa com linhas de vidro da mesma cor aplicadas a quente e semi-fundidas com a parede. Fragmento de bordo. EP:1mm. DB:15,1cm.. Pantone 125 (gelboliv), transparente.

34 - MB[-]28 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Raras bolhas de ar, pequenas e alongadas. Fragmento de bordo. EP:1mm. DB:15,1cm.. Pantone 582 (olivgrün), transparente

35 - MB[-]29 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Superfície externa com linhas de vidro da mesma cor aplicadas a quente e semi-fundidas com a parede, abaixo do bordo. Algumas bolhas de ar longas, grandes e muito pequenas, redondas. Fragmento de bordo. EP:0,8mm. DB:16,1cm.. Pantone 577 (saftgrün), transparente.

36 - MB[-]52 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Algumas bolhas de ar, pequenas e alongadas. Fragmento de bordo. EP:0,6mm. DB:14,1cm.. Pantone 582 (olivgrün), transparente

37 - MB[-]53 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Raras bolhas de ar, muito pequenas e alongadas. Fragmento de bordo. EP:1mm. DB:14,1cm.. Pantone 582 (olivgrün), transparente

38 - MB[-]54 - Vidro soprado. Fragmento de bordo espessado e polido ao fogo. EP:1mm. DB:ind.. Pantone 582 (olivgrün), transparente

39 - MB[-]26 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Raras bolhas de ar, muito pequenas e alongadas. Fragmento de bordo. EP:1mm. DB:13,9cm.. Pantone 582 (olivgrün), transparente

40 - MB[-]20 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Fragmento de bordo. EP:1mm. DB:16cm.. Pantone 582 (olivgrün), transparente

41 - MB[-]23 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Parede ondulante, com linha de vidro da mesma cor aplicada a quente e semi-fundida com a parede, abaixo do bordo. Bolhas de ar alongadas. Fragmento de bordo. EP:1mm. DB:17cm.. Pantone 577 (saftgrün), transparente.

42 - MB[-]22 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Algumas bolhas de ar alongadas junto ao bordo.

Fragmento de bordo. EP:1mm. DB:17cm.. Pantone 125 (gelboliv), transparente.

43 - MB[34]31 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Raras bolhas de ar pequeníssimas, redondas. Fragmento de bordo. EP:0,6mm. DB:19,2cm.. Pantone 582 (olivgrün), transparente

44 - MB[34]22 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Raras bolhas de ar pequeníssimas, redondas. Fragmento de bordo. EP:1mm. DB:19,5cm.. Pantone 582 (olivgrün), transparente

45 - MB[24]15 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Fragmento de bordo. EP:0,5mm. DB:21,7cm..

46 - MB[45]36 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Raras bolhas de ar pequenas, alongadas. Fragmento de bordo. EP:0,9mm. DB:17,4cm.. Pantone 125 (gelboliv), transparente.

47 - MB[24]14 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Raras bolhas de ar pequenas e longas. Fragmento de bordo espessado. EP:1mm.. DB:18,5cm.. Pantone 378 (saftgrün), transparente.

48 - MB[29]29 - Vidro soprado, com bordo espessado e polido ao fogo. Muitas bolhas de ar longas. Fragmento de bordo espessado. EP:0,6mm..DB:19,9cm.. Pantone 356 (grasgrün), transparente.

49 - MB[6006]5+7 - Vidro soprado. Bastantes bolhas de ar, muito pequenas e redondas. Fragmento de fundo onfalado. EP:1,2-5mm. DF:7,6cm.. Pantone 582 (olivgrün), transparente

50 - MB[-]47 - Vidro soprado. Bolhas de ar redondas, pequenas. Fragmento de fundo onfalado. EP:1-5mm. DF:4,6cm.. Pantone 125 (gelboliv), transparente.

51 - MB[6006]2 - Vidro soprado. Bastantes bolhas de ar, grandes e redondas. Fragmento de fundo onfalado. EP:1,1-4mm. DF:8,2cm.. Pantone 582 (olivgrün), transparente.

52 - MB[4076]158 – Vidro soprado. Bastantes bolhas de ar redondas e longas. Fragmento de fundo onfalado. EP:1mm..DF:6m.. Pantone 390 (hellgrün), transparente.

53 - MB[-]12 - Vidro soprado. Fundo externo decorado com caneluras formando uma espiral, realizadas a sopro. Fragmento de fundo onfalado. EP:1-3mm. DF:5,6cm.. Pantone 582 (olivgrün), transparente

54 - MB[-]8 - Vidro soprado. Fundo externo decorado com caneluras formando uma espiral, realizadas a sopro. Fragmento de fundo onfalado. EP:1,1-3mm. DF:4,7cm.. Pantone 582 (olivgrün), transparente

55 - MB[-]38 - Vidro soprado. Superfície externa com decoração vegetalista através de facetas realizadas a sopro e linhas de vidro da mesma cor aplicadas a quente e semi-fundidas com a parede. Fragmento de bojo. EP:1mm. DBJ:ind.. Orientação indeterminável. Pantone 577 (saftgrün), transparente.

56 - MB[-]39 – Fragmento de parede levemente curva canelada. Algumas bolhas de ar longas. EP: 0,6mm..

DB:ind.. Orientação indeterminável. Incolor, muito levemente esverdeado, transparente.

57 - MB[-]36 - Vidro soprado. Superfície externa canelada. Fragmento de bojo. EP:1,8mm. DBJ:ind.. Orientação indeterminável. Pantone 577 (saftgrün), transparente.

58 - MB[-]40 - Vidro soprado. Superfície externa com linhas de vidro da mesma cor aplicadas a quente e semi-fundidas com a parede. Fragmento de bojo. EP:1mm. DBJ:ind.. Orientação provável. Pantone 577 (saftgrün), transparente.

59 - MB[-]46 – Vidro soprado. Superfície externa com linhas de vidro branco opaco aplicadas a quente e semi-fundidas com a parede. Raras bolhas de ar pequeníssimas e redondas. Fragmento de bojo. EP:1mm. DBJ:ind.. Orientação indeterminável. Pantone 153 (braun), transparente.

60 - MB[48]18 – Vidro soprado. Superfície externa com linhas de vidro branco opaco aplicadas a quente e semi-fundidas com a parede. Fragmento de bojo. EP:1,1-2mm. DBJ:8cm.. Pantone 577 (saftgrün), transparente.

*Frascos tipo AR 146.3 (Isings 133)*

61 - MB[-]35 - Vidro soprado, com bordo curvado para dentro, de diâmetro irregular. Fragmento de bordo. EP:1mm. DB:3,5cm.. Pantone 582 (olivgrün), transparente

62 - MB[-]14 - Vidro soprado. Parede externa decorada com fio de vidro branco aplicado sobre a superfície, formando duas finas molduras, sem se fundirem com a parede . Fragmento de gargalo. EP:0,9mm. DBJ:4cm.. Pantone 577 (saftgrün), transparente.

63 - MB[-]115 - Vidro soprado. Parede externa decorada com fio de vidro branco aplicado sobre a superfície, formando uma fina moldura, sem se fundir com a parede . Fragmento de gargalo. EP:0,9mm. DBJ:4cm.. Pantone 577 (saftgrün), transparente.

64 - MB[6006]1 - Vidro soprado. Superfícies interna e externa caneladas. Algumas bolhas de ar alongadas. Fragmento de bojo. EP:1mm. DBJ:8,1cm.. Pantone 577 (saftgrün), transparente.

*Frascos tipo Isings 104b*

65 - MB[-]37 - Vidro soprado. Decoração soprada na superfície externa, formando uma moldura que não atinge todo o diâmetro da peça. Fragmento de bojo. EP:1mm. DBJ:ind.. Pantone 582 (olivgrün), transparente.

66 - MB[-]34 - Vidro soprado. Decoração soprada na superfície externa, formando uma moldura. Fragmento de bojo. EP:1mm. DBJ:11,5cm.. Pantone 582 (olivgrün), transparente

67 - MB[6006]6 - Vidro soprado. Decoração soprada na superfície externa, formando uma moldura. Fragmento de bojo formando uma esquina curva. EP:1,3mm. DBJ:ind.. Pantone 582 (olivgrün), transparente.

68 - MB[6006]3+4 - Vidro soprado. Superfície externa decorada com fios de vidro aplicados sem se fundirem com a parede. Algumas bolhas de ar, grandes e redondas.

Fragmento de bojo. EP:0,9-1,1mm. DBJ:ind.. Pantone 582 (olivgrün), transparente.

*Copo com pé alto*

69 - MB[8]12 – Vidro soprado. Raras bolhas de ar muito pequenas e redondas. Fragmento de fundo em pé-de-anel. EP4mm. DB:4,7cm. Pantone 356 (grasgrün), transparente.

*Forma indeterminável*

70 - MB[-]13 - Vidro soprado. Fragmento de asa. L.:6mm. H:4mm. Pantone 582 (olivgrün), transparente.

Terra Sigillata

71 – MB[52]27 – Terra Sigillata africana D1. Fragmento de bordo com aba um pouco descaída. Pasta dura, algo compacta, cor N20 (=10 R 6/8 = rouge clair) e verniz bem conservado, fino, polido, um pouco brilhante no bordo, cor M39 (=2,5 YR 6/8 = rouge clair). DB:17,3cm.

72 – MB[4079]165 - Terra Sigillata africana D2. Perfil quase completo: lábio um pouco descaído, com canelura no topo, de planta com onze faces; pé-de-anel de secção subrectangular; sulco no fundo interno da taça. Pasta dura, algo compacta, mas menos fina que a do exemplar anterior, cor M39/N39 (=2,5 YR 6/8 = rouge clair; =2,5 YR 6/8 = rouge clair) e verniz muito mal conservado, algo espesso, cor P39/N39 (=2,5 YR 5/8 = rouge; = 2,5 YR 6/8 = rouge clair). DB(lábio incluído):20,5cm. DF: 10,3cm. H:5,4cm.

73 – MB[-]81 - Terra Sigillata foceense tardia. Fragmento de bordo vertical com decoração roletada. Fragmento não observado para descrição de pasta e verniz. DB:25,7cm.

## Bibliografia

AA.VV., *Enciclopedia dell' Arte Antica Classica e Orientale. Atlante delle Forme Ceramiche*, II (Ceramica Fine Romana nel Bacino Mediterraneo, Medio e tardo Impero), Roma.

ALARCÃO, J.; ALARCÃO, A. (1963), "Quatro colecções de vidros romanos", *Revista de Guimarães*, LXXIII, 3-4, p.367-395.

ALARCÃO, J.; ALARCÃO, A. (1965), *Vidros romanos de Conimbriga*, Coimbra, Museu Monográfico de Conimbriga.

ALARCÃO, J.; et Al. (1976), *Fouilles de Conimbriga*, VI (Céramiques diverses et verres), Paris, Diffusion E. de Boccard.

ANTUNES, A. S. (2000), "Vidros romanos da Alcáçova de Santarém", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3-2., p.153-199.

BERGER, L. (1960), *Römische gläser aus Vindonissa*, Basileia, Birkhauser Verlag.

CAILLEUX, A. (s.d.), *Notice sur le Code des Couleurs des Sols*, Boubée.

CAU ONTIVEROS, M.; REYNOLDS, P.; BONIFAY, M., eds. (2011), *Late Roman Pottery: solving problems of typology and chronology*. Archaeopress (RLAMP; 1).

HAWTHORNE, J. W. J. (1997), "Post processual economics: the role of African Red Slip Ware vessel volume in Mediterranean demography", *Proceedings of the Sixth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference*, Sheffield / Oxford.

ISINGS, C. (1957), *Roman glass from dated finds*, Groningen/Djakarta, Academie Rheno-Trajectina (Archaeologica Traiectina; II).

MACKENSEN, M. (1993), *Die spätantiken Sigillata- und Lampentöpfereien von El Mahrine (Nordtunesien)*. Studien zur

*Nordafrikanischen Feinkeramik des 4. bis 7. Jahrhunderts (mit einem Beitrag von Sebastian Storz)*, 2 vols., München, C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung (Müncher Beiträge zur Vor- und Frühgeschichte; 50).

NOLEN, J. (1988), "Vidros de S. Cucufate", *Conimbriga*, XXVII, p.5-59.

NOLEN, J. U. S. (1994), "O vidro", J.U.S. NOLEN *Cerâmicas e vidros de Torres de Ares*, Balsa, Lisboa, M.N.A., p. 169-206.

REYNOLDS, P. (2004), "The Roman pottery from the Triconch Palace", R. HODGES, W. BOWDEN, K. LAKO, Eds. *Byzantine Butrint, excavations and surveys 1994-1999*, Oxford, p. 224-395.

RÜTTI, B. (1991), *Die römischen Gläser aus Augst uns Kaiseraugst*, Augst, Römermuseum (Forschungen in Augst ; Band 13/1).

SANCHEZ DE PRADO, M. D. (1984) – El vidrio romano en la provincia de Alicante. Lucentum. Anales de la Universidad de Alicante. III, p.79-100.

SARRAZOLA, A., (2002), "Marinha Baixa (Cacia). Contributo para a história regional-local da região do Baixo Vouga", *ADERAVE*, 2.

SARRAZOLA, A. (2003), "Tentativa de enquadramento histórico dos contextos de abandono da Marinha Baixa / Torre (Cacia; Aveiro) – séc. V-VI", *Era-Arqueologia*, 5, p.152-165.

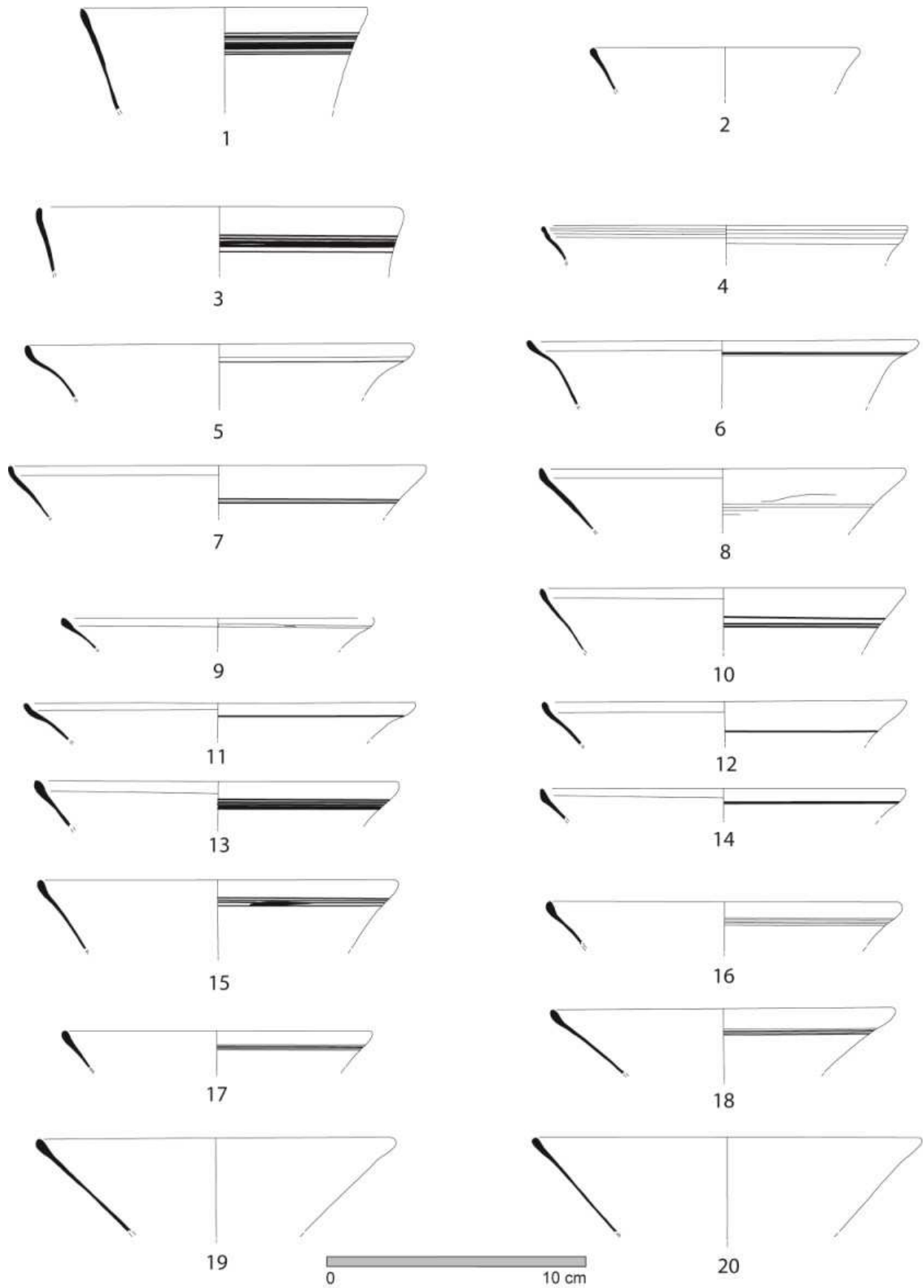
SARRAZOLA, A.; MENDES DA SILVA, I. (2006), *Povoado da Torre – POTOR (Cacia, Aveiro) Relatório Final, Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos*, Publicação electrónica de NIA (Núcleo de Investigação Arqueológica da Era – Arqueologia, SA).

SARRAZOLA, A.; MENDES DA SILVA, I.; BORGES COELHO, M.; MELRO, S. (2001), "Intervenções arqueológicas na Marinha Baixa (Cacia/ Aveiro). Resultados preliminares", *Era-Arqueologia*, 3, p.25-40.

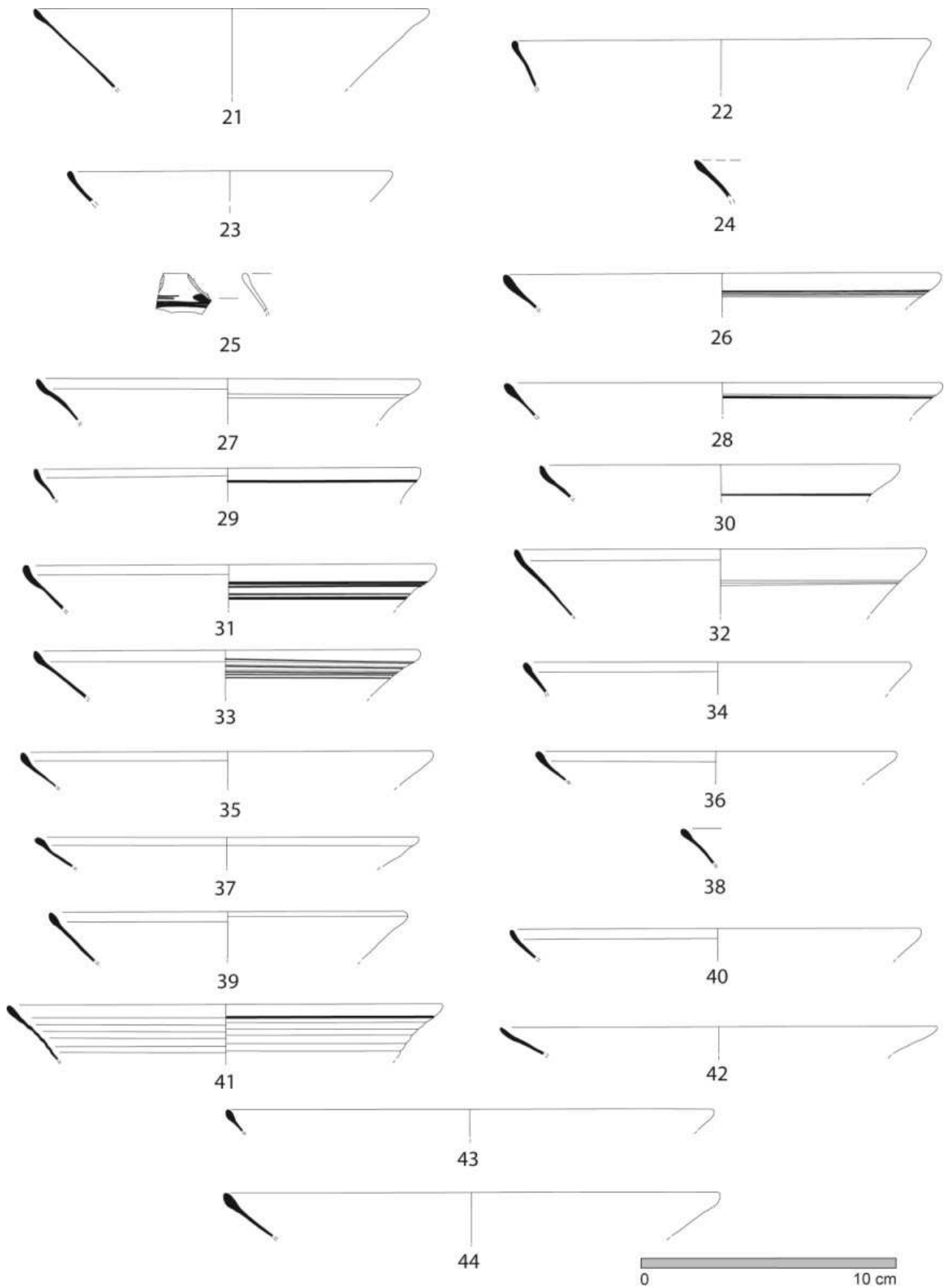
SARRAZOLA, A.; MENDES DA SILVA, I.; QUARESMA, J. C. (2006), Poster "Marinha Baixa (Aveiro, Portugal): Um centro de produção de Vidro no Noroeste Peninsular", Jornadas Nacionales sobre Vidrio de la Alta Edad Media y Andalusí, San Ildefonso, 2-4 de Novembro de 2006.

VASQUEZ MARTINEZ, M. A.; CAAMAÑO GESTO, J. M. (2004), *Estudio del vidrio hallado en la villa romana de Toralla (Coruxo, Pontevedra) durante las campañas de 1992 y 1993*, Catálogo de piezas, Gallaecia, 23, p.85-117.

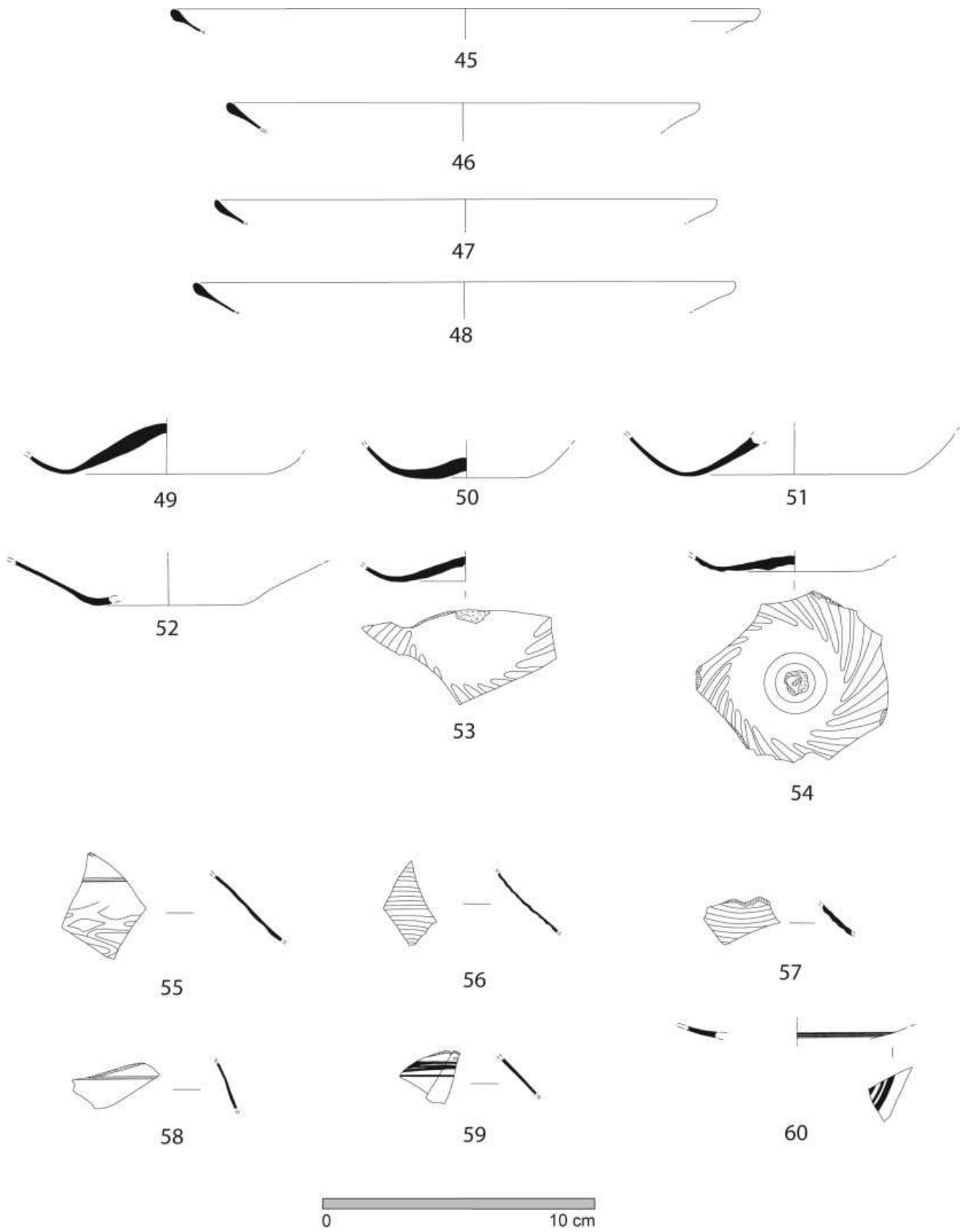
XUSTO RODRÍGUEZ, M. (2001), *O vidro provincial galaicorromano*, Vigo, Universidade de Vigo (Monografias de Universidad de Vigo. Humanidades e ciencias xurídico-sociales; 39).



Estampa 1 – Vidros da Marinha Baixa.

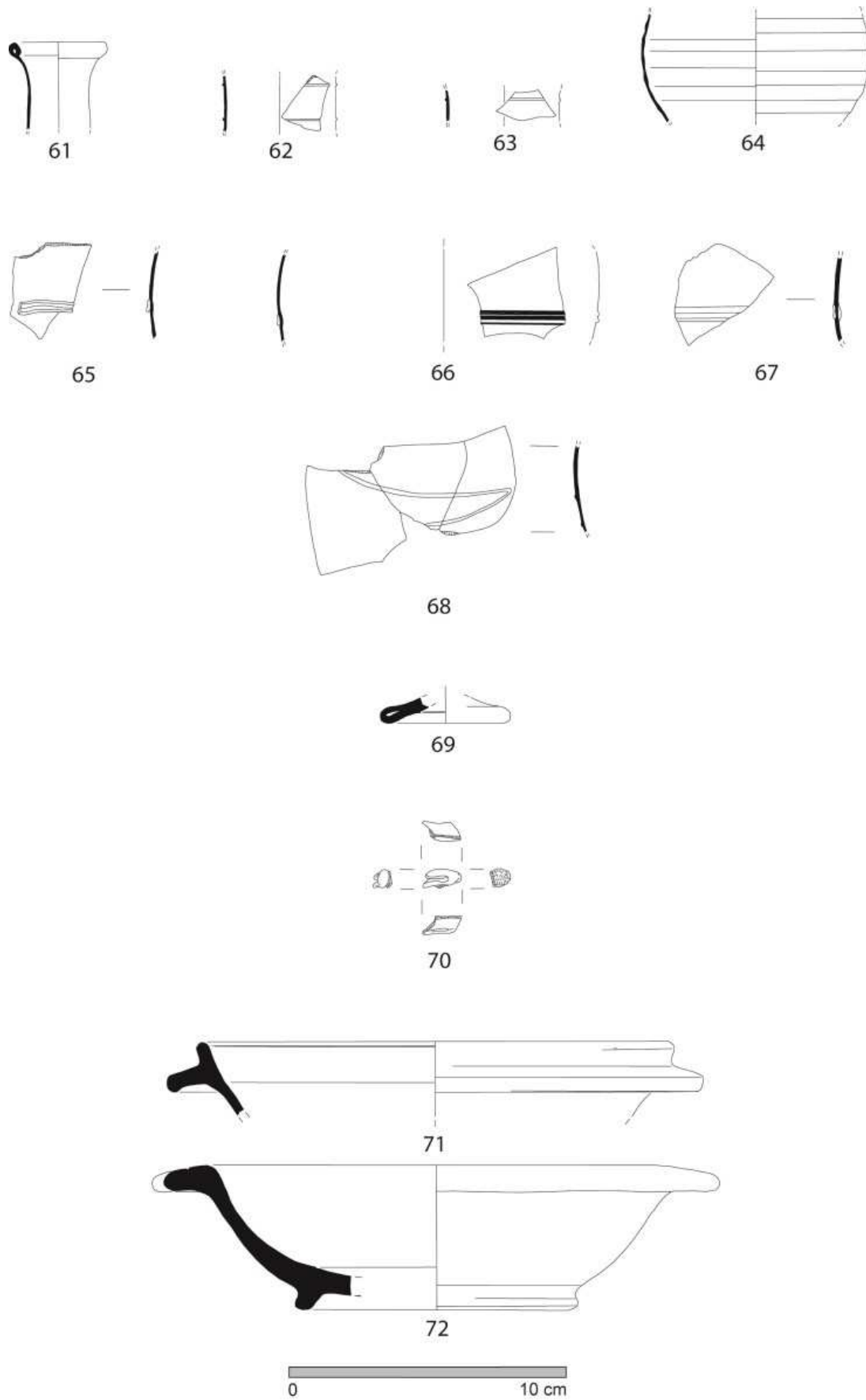


Estampa 2 – Vidros da Marinha Baixa.



Estampa 3 – Vidros da Marinha Baixa.





Estampa 4 – Vidros e terra sigillata da Marinha Baixa.